

O classicismo na fotografia de Luiz Carlos Felizardo

MARCELO DE SOUZA SILVA

Graduado em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) em 1992/2; Bacharelado em História da Arte pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

RESUMO

O artigo propõe uma análise formal das fotografias realizadas por Luiz Carlos Felizardo, fotógrafo gaúcho, estabelecendo paralelos entre seu trabalho e a pintura clássica. Para tanto, vale-se dos conceitos de classicismo definidos pelo historiador da arte Heinrich Wölfflin, procurando verificar a presença desses conceitos no trabalho de Felizardo.

Palavras-chave: Luiz Carlos Felizardo. Fotografia. Classicismo.

ABSTRACT

This article proposes a formal analysis of photographs taken by Luiz Carlos Felizardo, photographer from Rio Grande do Sul, establishing parallels between his work and classical painting. To achieve this goal, it uses the concepts of classicism defined by art historian Heinrich Wölfflin, trying to verify the presence of these concepts in Felizardo's works.

Keywords: Luiz Carlos Felizardo. Photography. Classicism.

Ao contrário do pintor, que parte do espaço vazio até preenchê-lo com sua pintura (ou o gravador de uma chapa nua, o desenhista da folha em branco, etc.), o fotógrafo trabalha em sentido quase inverso, partindo do todo indiscriminado e nele estabelecendo suas seleções; encontrando dentro dele e dele subtraindo suas imagens, gerando um significado às vezes novo, ainda inexistente, para os fragmentos resultantes.

Luiz Carlos Felizardo

O Festival Internacional de Fotografia de Porto Alegre (FestFotoPoa), em sua 5ª edição, prestou uma homenagem ao fotógrafo gaúcho Luiz Carlos Felizardo, reunindo cerca de 80 fotografias de sua autoria em uma mostra retrospectiva de sua carreira, que já abrange cerca de quatro décadas. A mostra teve curadoria da professora, historiadora e crítica de arte Paula Viviane Ramos e do próprio artista, integrando uma exposição maior, que incluiu trabalhos de outros fotógrafos e esteve em cartaz no Santander Cultural, em Porto Alegre, de 6 de abril a 1º de maio de 2011. O trabalho de Felizardo ocupou boa parte do andar térreo do prédio, ganhando grande destaque e permitindo ao espectador observar diversos momentos da carreira do artista, além de ter contato com equipamentos e negativos usados por ele, bem como objetos reais fotografados. Também foi possível acompanhar parte de seu pensamento sobre a fotografia, por meio de painéis que reproduziam frases de sua autoria e que foram colocados pontualmente ao longo dos trabalhos expostos.

Em um desses painéis, lia-se a frase reproduzida no início desse texto, na qual Felizardo compara a atividade do fotógrafo à do pintor. Essa comparação estabelece diferenças de orientação no processo de trabalho desses artistas, ou seja, enquanto o fotógrafo trabalha a partir de uma totalidade (a realidade), da qual extrai fragmentos, o pintor parte de um

vazio (a tela em branco) e procura preenchê-lo. O processo do fotógrafo é tido por Felizardo como inverso ao do pintor, feito por subtração de elementos do todo inicial, enquanto o pintor trabalha na adição de elementos ao vazio inicial. Dessa forma, Felizardo posiciona o processo fotográfico em relação ao pictórico, colocando-os como sentidos opostos que levam a um mesmo ponto: a constituição de uma imagem em uma superfície.

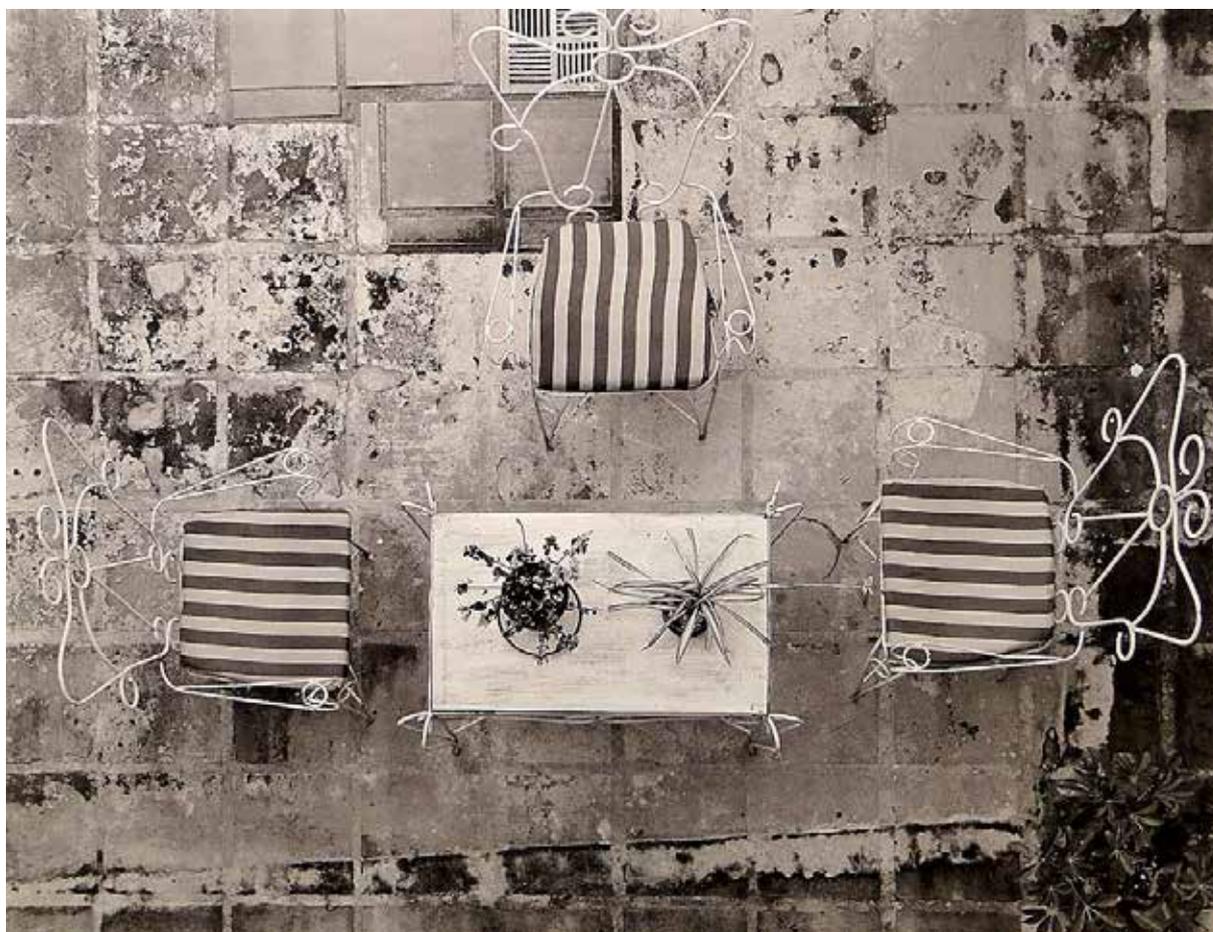
Esse pensamento parece demonstrar a preocupação do artista em procurar referenciais na pintura para constituir sua imagem através da fotografia. Em outro painel presente na exposição, havia uma passagem que também indica essa preocupação: “[...] a fotografia tem de ser vista e compreendida com um olhar amplo, que abrace também a história da arte”. O olhar de Felizardo, portanto, não ignora outras artes que trabalham com imagens similares às da fotografia, nem tampouco isola a fotografia de um processo histórico mais amplo, ainda anterior ao seu surgimento, buscando nesse processo uma referência e um diálogo.

O reflexo desse pensamento pode ser visto em seu trabalho. Várias fotografias selecionadas para a exposição apresentam uma série de características que remontam à estrutura da imagem pictórica, ou seja, partindo de um todo e selecionando fragmentos da realidade, o olhar do fotógrafo chegou a uma imagem que se aproxima formalmente da pintura e, ainda mais, de um tipo específico de pintura: a clássica. Mas que pintura clássica seria essa? Para que tal comparação possa ser levada adiante, é necessária uma definição mais precisa desse conceito. O classicismo de que se fala aqui pode ser entendido como próximo aos conceitos estabelecidos pelo historiador da arte Heinrich Wölfflin (1864-1945), um dos maiores expoentes da chamada escola formalista da história da arte. Wölfflin estabeleceu em seus trabalhos uma série de características formais típicas da arte clássica (compreendida principalmente como a arte da Europa no século XVI) e da arte barroca (arte europeia no século XVII). Essas peculiaridades evidenciam diferentes modos de ver e representar, típicos de cada época e comuns nas obras de diversos artistas em diferentes regiões da Europa. Partindo de alguns conceitos definidos por Wölfflin, é

possível tentar estabelecer até que ponto o olhar típico da pintura clássica se encontra na obra de Felizardo.

Um desses conceitos é o de forma fechada. Nele, Wölfflin chama a atenção para o uso de elementos verticais e horizontais na pintura, colocados de forma a criar uma oposição entre si e com o fim de estabelecer direções e limites nítidos na imagem. O sentido era de adaptação da realidade ao espaço pictórico existente e delimitado pela moldura, cuja existência era levada em conta e exercia influência na constituição da imagem. Em outras palavras, a imagem existia em função dos limites verticais e horizontais da moldura, possuindo elementos que procuravam enfatizar essa relação. Nesse sentido, a frontalidade era preferida pela pintura clássica em detrimento a ângulos diagonais, que não favoreciam este alinhamento com os limites da tela. Essa é uma construção que se verifica em grande parte do trabalho de Felizardo. Em várias fotos, é possível perceber a existência de elementos verticais e horizontais que dialogam com as bordas da fotografia, nem sempre no sentido de “emoldu-

Luiz Carlos FELIZARDO
Pátio, 2007
 Jaguarão, RS, Brasil
 Fotografia, negativo 4” x 5”



rar” a imagem, mas estabelecendo direções estruturais.

Essa característica se torna particularmente visível nas fotos de fachadas de edificações, cujas linhas das portas e janelas dificilmente não se alinham com as bordas da fotografia. O posicionamento do fotógrafo perante as fachadas é quase sempre frontal, alinhando-se com a preferência clássica. Na foto *Pátio* (2007, p. 12), o artista busca a frontalidade vista de cima, quase reduzindo a mesa e as cadeiras a elementos bidimensionais, alinhados com as bordas da foto e dialogando com as pedras do piso, espalhando linhas verticais e horizontais por toda foto. Na fotografia *Anjo* (2007, p. 13), que mostra uma pequena estatueta colocada sobre uma superfície pedregosa, o fotógrafo optou por mostrar, na parte inferior, uma das bordas da pedra, estabelecendo também uma horizontal que orienta a leitura e delimita. Em outras fotos, como *Túmulo na Recoleta* (2008p. 15), *Revistas e Escada* (1991, p. 8) e *Luvas em San Telmo* (2008, p. 15), também se percebe a opção pela posição frontal em relação aos mais variados motivos, o que acaba levando a supremacia de elementos verticais e horizontais. Se tal característica não se mostra evidente em todas as obras, parece ter um uso recorrente pelo artista, mostrando assim seu modo característico de ver e constituir a imagem.

A frontalidade dialoga também com outro conceito estabelecido por Wölfflin, a clareza, que por sua vez também se relaciona com a linearidade. A clareza pode ser entendida como a busca pela nitidez formal, à qual a posição frontal se adapta por possibilitar a visão limpa do objeto, mas que também se caracteriza pela

Luiz Carlos FELIZARDO
Anjo, 2007
 Porto Alegre, RS, Brasil
 Fotografia, negativo 8” x 10”



distribuição uniforme de luz, que revela sem criar sombras excessivas e que permite a percepção tangível da imagem. Nesse contexto, o claro e escuro, ou o jogo de luz e sombras, propunha-se mais a modelagem da forma e a ordenação do conjunto do que a esconder ou criar obscuridades intensas na imagem. A linearidade, por sua vez, era uma característica do próprio pensar clássico, um pensar por linhas, no qual ela era a base da representação, permitindo controle e precisão. Isso não significava que necessariamente devesse haver um contorno visível, mas sim um limite, no qual se distinguia claramente uma forma da outra.

Na fotografia de Felizardo, os dois conceitos parecem andar juntos: a clareza obtida pelo fotógrafo gera uma nitidez na qual se destaca a linearidade das formas. Na fotografia *Cemitério em Santa Bárbara do Sul* (1974, p. 16), o artista obtém uma luminosidade uniforme que cria uma imagem nítida, gerando a percepção linear da paisagem, verificada principalmente nos túmulos, facilmente distinguíveis individualmente. Em *Grindelwald* (1991, p. 17), a luminosidade homogênea da cena contribui para a clareza e para a linearidade das formas, ressaltadas nos galhos cobertos de neve. Até mesmo em fotografias em que o artista obtém amplo espectro de preto e branco (indo do muito escuro ao muito claro), como *Serra da Cambirela* (1977, p. 18), as sombras parecem mais moldar e revelar formas do que propriamente escondê-las ou torná-las indefinidas. A luminosidade uniforme pode ser percebida também na maior parte das fotografias de paisagem, que possui seus elementos constituintes mostrados de forma clara, sem criar zonas obscuras ou indistinguíveis.

Esse posicionamento leva o artista a realizar um trabalho no qual é visível a atividade analítica e ponderada de escolhas e seleções. É uma fotografia pensada, fruto de observação criteriosa que parece colocar a questão formal e estrutural da foto acima das questões do motivo propriamente dito. Essa escolha acaba conferindo às fotografias um aspecto estático, avesso a cenas dinâmicas e que exigiriam o pronto agir do fotógrafo. Nesse aspecto, pertence a uma tradição diferente da dos fotógrafos Henri Cartier-Bresson e do próprio Marc Riboud, cujo trabalho também integrava



Luiz Carlos FELIZARDO
Túmulo na Recoleta, 2008
 Buenos Aires, Argentina; Fotografia, negativo 35 mm



Luiz Carlos FELIZARDO
Luvras em San Telmo, 2008
 Buenos Aires, Argentina; Fotografia, negativo 35 mm



Luiz Carlos FELIZARDO
*Cemitério em Santa Bárbara do
 Sul, 1974*
 Santa Bárbara do Sul, RS, Brasil
 Fotografia, negativo 4" x 5"

a exposição do 5º FestFotoPoa. Diferentemente desses fotógrafos, FelizarDO parece recusar a instantaneidade e o sentido de oportunidade da fotografia, ou seja, de estar no lugar certo e na hora certa para capturar um momento singular ou peculiar por alguma razão. Faz um trabalho que procura criar e montar seu próprio momento, ordenando-o de maneira a dar à realidade fotografada um enfoque formal que enfatiza a maneira como ela é vista, conferindo-lhe novos significados.

Essa postura do fotógrafo encontra, no modelo clássico, seu correspondente pictórico. A construção da imagem na pintura clássica é, da mesma forma, racional e analítica. Procura construir sua realidade através de composições equilibradas, criando um ambiente idealizado em termos formais. Nesse sentido, a busca por uma imagem que remeta aos modelos clássicos pode significar a idealização da realidade, uma maneira de trazer a construção pictórica clássica ao mundo real através da fotografia que, em última análise, se ocupa desta realidade. A pintura clássica procura

a construção ou materialização de um instante ideal, e não propriamente real. Ao procurar o recorte clássico da realidade, Felizardo faz a aproximação da fotografia, uma arte que parte da realidade para constituir sua imagem, com a pintura, uma arte que permite a construção da imagem a partir de um ideal. Assim, ele permite que se crie um novo sentido ao que se vê em suas fotos, extraindo objetos e cenas da realidade e colocando-os em uma formatação que alude à construção idealizada da pintura clássica. Felizardo consegue assim criar um trabalho intelectualmente instigante e visualmente atraente, enxergando a realidade de modo clássico, um classicismo que nos rodeia.

REFERÊNCIA

WÖLFFLIN, Heinrich. *Conceitos fundamentais da história da arte*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

Luiz Carlos FELIZARDO
Grindelwald, 1991
Grindelwald, Suíça
Fotografia, negativo 35 mm





Luiz Carlos FELIZARDO
Serra da Cambirela, 1977
Florianópolis, SC, Brasil
Fotografia, negativo 6 x 6 cm